

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isenptos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200 »REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»,—Famalicão

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

A ordem do dia

Está na ordem do dia, na nossa douta imprensa, a famosa e singular trilogia, por nós tão apreciada e tão largamente citada — a adulação, a lisonja e o pedantismo ignaro.

Repugna á nossa indole de sinceros tratar assumptos d'este theor, cuja essencia não honra uma individualidade e muito menos uma classe numerosa. Marchaes feitos *á priori* pelo voto e concenso de quem sabe atar admiravelmente uma vistosa gravata; talentos muito celebrados, mas desconhecidos no campo dos factos, manifestam opinões absurdas com pretensões a conselhos indiscutíveis e sensatos. Falta a ordem positiva, um chefe ou um directorio que iniciasse trabalhos mais amplos, mais concretos, mais uteis. Vogamos naturalmente, á mercê do primeiro aventureiro que se intitula marechal, paladino ao defensor. Ora, por este caminhar, a situação torna-se, dia a dia, mais grave, mais penosa, mais insustentavel. E' nosso dever falar com lealdade, sem temer censuras ou observações, já que assim o promettemos no nosso «Caminho futuro».

O caminho futuro seria mais isento de obstaculos se a famosa trilogia já citada, deixasse de subsistir como ordem do dia. Secundem todos os nossos esforços, as nossas iniciativas; declarem com sinceridade, sem tibiezas de animo, o que é preciso extinguir, o que é necessario aniquilar, e a nossa missão será menos ardua e mais productiva.

Com elogios não é que se consegue uma causa, que se realisa um Ideal, que se estabelece um preceito hygienico.

Estão no elogio, na falta de criterio, na abundancia

de pedantismo e de nenhum senso, os nossos peores males. E esses convem exterminal-os, por todos os meios, custe o que custar, ainda mesmo com sacrificio nosso e d'aquelles que sinceramente nos applaudem. O passado é necessario esquecê-lo: nem os actos bons ou maus queremos. Aqui não ha precisão de Renascença: é forçoso, é indispensavel um caminho completamente novo, uma orientação totalmente nova, um templo social inteiramente equitativo, prudente e essencialmente sensato. Não fugimos a discussões: desejamo-las, porque são como clarões de luz brilhante. Venha para o campo da imprensa quem discuta com amor, com verdadeiro interesse e nós lealmente apontaremos os erros que mais nos prejudicam. Quem tem desejo mais ancioso, mais profundo ardor em vêr a nossa classe a par, no sentido intellectual e moral, com as outras que se salientam brilhantemente em todos os campos?

São os enfatuados que de tudo desdenham estupidamente, sem nenhum senso commum, ou sómos nós? E' urgente pôr um dique intransportavel a este estado de cousas: acabe-se com egoismos que nos envergonham, com mexeriquices que nos enfraquecem, com exhibições que nos ridicularizam e vamos com impeto e vehemencia á procura do Bem e da Verdade.

«A FRATEERNIDADE» EM LISBOA

«A Fraternidade». — Como luctador da classe, e como membro dedicado d'essa mesma classe cumpre-me o dever grato de registrar, com o presente numero a transformação d'«A Fraternidade».

E' um defensor das nossas regalias, um combatente audaz, e que muitos serviços tem prestado á nossa classe.

Que seja bemvinda a sua remodelação, e que os caixeiros lhe prestem todo o seu apoio

material e moral, porque é necessario a todo o transe manter a nossa autonomia, por todas as maneiras e processos.

Honra ao seu director, que tem sabido, á custa de muitos sacrificios, manter a publicação d'«A Fraternidade».

Sessão de propaganda. — No preterito domingo 2 do corrente, pelas 9 horas, presidindo Luiz Pereira e secretariado por Bento Rodrigues e Manoel Elias da Silva, teve lugar uma sessão de propaganda.

Aberta a sessão o presidente declara que aquella sessão devia ser presidida pelo collega Julio Silva, mas que encontrando-se esse amigo doente de cama, competia-lhe presidir á sessão, lamentando profundamente este facto, que muito o penalisa.

Em seguida faz uma breve historia do que tem sido o viver da Associação desde a fusão, um calvario escabroso não só cheio de sacrificios, e muito grandes, como tambem repleto de intrigas e insinuações torpes.

Mas apesar de tudo e contra esses desejos a Comissão Administrativa mantem-se no seu posto, e no seu posto ha-de estar até ao fim, ainda que a indifferença da classe obrigue a collectividade a liquidar.

Communica que a sessão que tem lugar é o inicio de uma série, que a Comissão Administrativa approvou em reunião collectiva. Essas sessões tem por fim fazer vêr á classe a necessidade de se associar, para unificadas as suas forças, poder-se impôr e exigir as regalias a que tem direito.

Alonga-se ainda em considerações de ordem associativa e social e dá a palavra ao desvelado protector dos marcanos o estimado collega:

Julio Martins — que mostra á assembleia em phrases sinceras e doutrinarias, scintilantes como o raio, em que faz resaltar a conveniencia de cohesão de forças e unificação de vontades, para juntos, um por todos e todos por um, caminharem á conquista do seu ideal, das suas reivindicções.

Termina por aconselhar que todos os presentes se devem entregar á propaganda de estas ideias, que provocarão com certeza uma avalanche enorme, e assim o problema social obterá uma enorme força, de que derivará o bem da humanidade.

Uma grandiosa salva de palmas acolhe o discurso do nosso bondoso amigo, e tem a palavra, segundo o entender da presidencia, um dos mais illustres membros da classe:

José d'Almeida — bello coração e grandiosa alma, que é recebido pela assistencia com uma carinhosa ovação.

O nosso amigo começa por dizer que, desprevenido para produzir um discurso de propaganda, mas por consideração para com o collega presidente, de quem é amigo, usa da palavra.

José d'Almeida, que além de um grande poeta é tambem um maravilhoso prosador, fala por espaço de quinze minutos em phrase ricamente rendilhada, em que enaltece o valor associativo.

Termina por um appello á assistencia, para que lá fóra faça nearcecer os beneficios da Associação, devendo cada um ser um protector da sua associação, que é um baluarte para a sua defesa.

Fala depois Januario Baptista, que declara ser a primeira vez, que fala assim em assembleias magnas, mas que o seu sentir é como o dos oradores anteriores.

Engrandece o valor da Associação, e diz que todos os caixeiros devem zelar pela sua Associação, porque a sua Associação é o seu reducto.

Foi tambem muito aclamado. Por ultimo tem a palavra um dos collegas mais dedicados da classe:

Raul Pires. Começa por dizer que vem alli a pedido da Comissão Administrativa, para fazer uso da palavra, despertando a classe.

E' missão assás espinhosa, e desejaria elle que as suas palavras tivessem esse condão.

Faz em seguida o elogio dos trabalhos da Comissão Administrativa, que tem sido titânicos, descommunes, grandiosos.

Para si essa comissão é credora de todos os elogios, de todos os agradecimentos da classe, porque apesar de todos os sacrificios, e dos entraves que tem tido constantemente, tem-se sabido manter no seu lugar.

Este orador ainda tem palavras de grande justiça para o povo Russo, que apesar da autocracia que alli reina é um povo glorioso, que lucta pela sua liberdade, e apesar de escravizado pela autocracia tem o descanço semanal por lei.

Por fim, o presidente diz que a Comissão Administrativa, de que faz parte, pede licença para não aceitar os agradecimentos e elogios que lhe foram dirigidos, porque não tem feito mais do que cumprir com o seu dever. Se não quizesse arcar com todos esses sacrificios, não teria accedido a eleição,

Agradece a cooperação dos amigos que se dignaram annuir para orar na sessão, apresenta á assembleia uma carta do collega Nazareth, em que justifica a sua falta de comparencia e em que declara que em espirito acompanha todos os trabalhos que possam produzir alguma coisa de util e bom para a classe, terminando por agradecer a cooperação da imprensa, especialmente aquella que sempre nos tem auxiliado com a sua valiosa cooperação, e que alli está representada.

O sr. Horta, em nome dos jornaes, que representa, diz que esses mesmos jornaes tem sempre corrido a todas as nossas sessões, porque a nossa classe é uma classe numerosa, e que tem luctado immenso para o conseguimento das suas regalias.

A sessão terminou eram 11 e meia da noite.

Associação dos Caixeiros.—Na ultima sessão realisada esta semana, foram approvados sete socios, tomou-se conhecimento de vario expediente e officiou-se a uma collectividade de Alcantara pedindo a cedencia da sala para se realizar a segunda sessão de propaganda.

Lisboa, 8—9—906.

L. P.

N. da R.—Por falta d'espaco, não saiu no numero passado esta carta, do que pedimos desculpa ao seu auctor.

LUCTAR

Hoje, pela primeira vez, nas columnas d'este trimensario, venho expender as ideias que a minha fraca intelligencia pôde raciocinar, em auxilio da classe a que pertencemos.

«A Fraternidade», órgão da classe, tem defendido e pugnado por os interesses de todos os caixeiros, e os quaes na sua maior parte não tem correspondido com o seu auxilio para a manutenção d'este acerrimo defensor da nossa causa.

Por os seus escriptos, tem levado ao conhecimento dos caixeiros de todo o paiz, a razão e a justiça que nos assiste, e o caminho que a classe deve levar a effeito para obter o descanso hebdomadario; que devia e deve ser decretada uma lei no nosso paiz, que garanta o goso dos que trabalham consecutivamente sem uma hora de folga livre.

E porque não é?... Porque desde a mais pequena terra aos centros commerciaes mais importantes, ha um odio ou uma rivalidade entre a classe que difficilmente comprehendemos.

Os propagandistas da nossa causa são em numero inferior a dez por cento. Sendo a nossa classe tão numerosa como é, e de uma civilização moderna, não devia ficar no estado em que se encontra. Reparando para isto com rectidão e firmeza de pensar, verificamos que a consecução do encerramento por lei no nosso paiz é um impossivel emquanto a classe quasi integral não vier para o campo da lucta pugnar pelos seus direitos.

Nós, temos como dever reclamar a nossa justissima causa;

aquillo que aos homens de bom senso se apresenta razoavel. A outros poderá assistir algum direito que justifique o facto de nos não darem ouvidos?... poderá... Para longe esses caixões sem nervos e sem sangue que a luz da civilização cega e não alumia...

Para trás vão todos aquelles que pretendem entrar a marcha progressiva d'uma classe como é a dos empregados no commercio.

Luctar pela consecução do bem e do util; alvejar a commoidade e interesses communs d'uma classe como a nossa, é ostentar radiosa a intelligencia no que ella tem de benefico e civilizador.

Fomentar, proteger, impulsionar o progresso moral e material d'uma classe, é o dever indeclinavel de todos aquelles que a ella pertencerem que tenham força para isso.

E' este o nosso principal empenho que apresentamos aos collegas e que muito prazer teriamos se a lucta fosse vencida por os escravos do balcão.

Almendra,

EXPEDIENTE

Por até á hora de enviarmos os ultimos linguados para a typographia não termos recebido os respectivos originaes, o presente numero de «A Fraternidade» não insere as secções seguintes:

Notas ligeiras, do nosso collaborador «Arthur».

«A Fraternidade» no Porto, carta noticiosa do nosso correspondente, «Baptista Junior»; e

Charadas & enigmas, secção dirigida por o presado companheiro «Antonio Cruz (Kicai)».

A todos os nossos presados correspondentes e collaboradores, pedimos a remessa dos originaes até aos dias 6, 16 e 26 de cada mez, para não soffrerem atrasos na publicação.

A todos os nossos amigos pedimos o favor de nos angariarem o maior numero possivel de assignaturas certas, favor que muito agradecemos e que contribue poderosamente para a existencia d'este defensor dos caixeiros portuguezes.

Acceitamos correspondentes nas terras onde ainda os não temos.

Pequenas dividas

O sr. ministro da justiça prometteu apresentar ás camaras um projecto de lei para simplificar o processo de cobrança de pequenas dividas.

Vamos a ver se será d'esta vez que o commercio verá satisfeitos os seus pedidos cheios de justiça. Tantas vezes lhe tem sido promettida essa lei, adiada sempre, que nós agora já estamos a duvidar sempre e, como S. Thomé, só depois de ver é que acreditaremos.

Ruidos do Lima

A classe em movimento—A nossa causa em vespervas d'uma resolução—O proximo dia 29—O sr. João Franco e as suas promessas—Despertar, para que triumphemos.

A classe dorme? Não.

Embora não tanto como a causa o exige, trabalha na conquista do nosso «Ideal», procura todos os meios para combatermos heroicamente e sairmos victoriosos!

Sente-se do peito dos opprimidos a expansão sentimental, a voz retumbante de «venha a liberdade»; a arrogancia das suas forças, o delirio de seus espiritos, faz-nos prever a vontade de luctar.

Em todo o paiz se nota uma agitação desusada d'entre a nossa infeliz classe; mas, onde com mais energia e afan se trabalha é no Porto.

Anima-nos esta fôrma de luctar, leva-nos por momentos á convicção de que temos homens energeticos a dentro da nossa jerarchia, capazes de arrostar com todos os sacrificios e avançar intrepidamente para o ponto de combate.

A nossa justa e sacratissima causa que tanto ecco tem tido no no-so velho e decrepito Portugal, nem á mão de Deus padre é decretada; tudo são promessas, e afinal ficaram em... zero.

Reina agora um enthusiasmo indescriptivel nas promessas ultimamente feitas á nossa classe pelo actual governo.

Alguns collegas, tem n'ellas as maiores esperanças, mas nem todos, porque quem conhece o modo, feito e até as acções d'estes lindos mentirosos que nos governam e a quem se confia a nação inteira, não pôde por tórma alguma acreditar em promessas que se fazem, mas, voccalmente, unica e exclusivamente para proceder com mais facilidade á caça eleitoral; por que quem pensa alguma coisa, logo vê que offercimentos como estes ultimos, sem pedidos de qualidade e sem que a Elle ninguem se dirigisse, não podem ter outro fim; e senão, veremos.

Já não vem longe o dia da resolução definitiva; parece que estamos em vespervas da coisa.

E' a nossa causa um dos assumptos de que em primeiro se vão occupar os senhores chauffeurs da nação, como já disseram; por isso esperemos até lá.

Marcaram os ditos senhores o proximo dia 29 para abertura das côrtes.

Eis portanto a occasião oportuna.

Não tem a Fraternidade em antes, outra tiragem; é esta a ultima antes da abertura do parlamento senão houver qualquer irregularidade, ou adiamento; por isso, será bom que de todas as localidades lhes lembrem o que no Porto nos foi promettido.

Não é no dia 29 que a nos-

sa causa no parlamento vaedar ecco; mas sim passados alguns dias, se é que o sr. presidente do conselho faz tenção de cumprir com a sua honrada palavra.

No entanto lá por o caso de nem todos estarmos crentes n'essas promessas, ou concretisarmos com as mesmas ideias não é caso para desanimar, porque o autojado descanso dominical por lei ou á força de vontade, ou á força de resistencia, ha-de de ser um facto.

Portanto, esperemos por o proximo dia 29!

—O snr. João Franco será homem de seguir caminho differente do dos seus antecessores?

Cumprirá as promessas feitas no Porto á nossa desprotegida classe?

Decretará a lei do descanso?

Será Elle o nosso redemptor?

O emancipador do caixeiro portuguez?

O homem capaz de tirar do abysmo, da oppressão, d'um carcere e dar a liberdade a cerca de vinte e cinco mil escravos?

Será homem de nos resgatar a almejada alforria?

E' isto o que com um desejo vehemente de saber-se, eccôa em todo o paiz; é isto o que nos anima, o que nos dá força, vigor e enthusiasmo; é isto o que precisamos saber dentro em breve, porque do contrario usaremos d'outros meios mais energeticos e mais esperançosos.

—Rapazes, á lucta!—o dia está proximo—coragem, energia e intrepidez!

A nossa causa é justa, portanto exige-se, quer-se decretada por lei.

De promessas está a classe cheia, queremos obras e factos, por isso luctaremos mais uma vez por este meio e, se em breve não virmos o nosso desejo em vias de facto, resta-nos uma esperança, a—Grêve—ou então a necessidade de sermos politicos, como relata a Fraternidade no numero antecedente.

Confrades, á lucta! Despertar, para que triumphemos!

Ponte de Lima, 16—9—1906

Magalhães Junior.

A ti; A. N.

(Inédito)

Mira cómo cruzan los verdos jardines de un lado para otro los enemorados... ¡qué contentos marchan!... ¡ como los desprecio Estando á tu lado!

Mira que sonrisas, fijate un instante; sonrisas que nacen un los mentos lavios; qué tristes parecun... ¡ qué frias resultan Estando á tu lado!

Aquellos jardines, donde la tristesa parece que tiene refugio palacio, para mi serian como un paraiso Estando á tu lado.

Las ruedas tormentas que al destino fiato ciere inmovable allí... alto... muy alto... ¡qué poco me atarran!... ¡no me preocupan Estando á tu lado.

Dajamos que ruede la máquina humana, atarran de aux guapas los chirivos trajicos; no me apura nada, nada me intimida Estando á tu lado.

Y cuando la muerte corte mi existencia aun cuando mi sinuto se vaya ecobando, moriré dichoso, viendo tus sonrisas, oyando un suspiro

Salir de tu labios.

La Guardia, 22 de julio de 1906.

Isaac de Montenegro.

Notas trimensaes

Dr. Trindade Coelho

Na passada sexta-feira, dia 14, tivemos a honrosa visita d'este illustre escriptor.

Por uma circumstancia do acaso, que sinceramente deploramos, não tivemos o gosto de falar pessoalmente com o talentoso educador, que gentilmente nos procurou. Alenta-nos, porém, a esperança de que não será esta a ultima vez que s. ex.^a visita a nossa ridente villa e assim a certeza de reparar a falta que casualmente commetemos.

Além da visita, que immensamente nos penhorou, agradece-mos, tambem, o cartão que amavelmente deixou para o director de «A Fraternidade» e as palavras de cumprimento affectuoso que n'elle dirige.

Silva Rego

Fstive n'esta villa, em serviço da casa Callado & Moraes, successor Eduardo Nunes de Carvalho, o nosso prestimoso collega Silva Rego.

O carnaval no Porto

Recebemos a circular seguinte:

... Srs — Os abaixo assignados, conhecedores de quanto V. Ex.^a se interessa pelo engrandecimento da classe dos empregados de commercio, a que nos honramos de pertencer, tomamos a liberdade de enviar a V. Ex.^a a inclusa circular, afim de a fazer espalhar com a maxima profusão possivel, para d'essa forma angariar o maior numero de adhesões á nossa alevantada ideia, qual é a de promovermos, no proximo carnaval, manifestações que não só nos nobilitem, mas tambem auxiliem, quanto caiba nas nossas forças, a nobre iniciativa do prestimoso Club dos Fenianos.

D'esta maneira mostraremos que, se dispomos de força para reivindicarmos os nossos direitos, temos tambem nos nossos corações juvenis o espirito alacre e a vitalidade risonha que devemos ter pelas nossas idades, e que sabemos associar-nos ás grandes ideias com entusiasmo, com criterio e com animação.

Porto, 25 de agosto de 1906.

A commissão,

Raul Doria
Raul Lopes Martins
Raul de Pinho e Costa
Antonio Narciso dos Santos Silva
Armindo Peixoto.

Antonio Xavier da Costa Lima

Parte por toda esta semana para o Brasil este nosso illustre patricio. Durante os poucos mezes que nos honrou com a sua convivencia deixou bem patente a sua estada entre nós. Como presidente da commissão que promoveu as festas das Cruzes, no anno corrente, deve-se-lhe o brilhantismo desusado que este anno atingiram. Dota 'o de prodigiosa actividade concorreu, quasi unicamente, para que a limpeza da nossa villa deixasse de ser feita por antigos processos, deficientissimos e vergonhosos. E' com pezar que registamos a sua retirada, attendendo não só á sincera estimã que sempre nos inspirou, mas

tambem, e principalmente, á ausencia de um espirito illustrado e comprehendedor, que tanta falta fazem no nosso pequeno e rachitico meio. Fazendo ardentes votos pelas felicidades sempre consecutivas do nosso respeitavel amigo, desejamos-lhe, assim como a sua ex.^{ma} esposa e gentilissima filha, uma viagem repleta de venturas.

Inauguração

Ouvimos que é na dia 20 do proximo mez de outubro a inauguração official da Associação de Classe das Quatro Artes de construcção civil, d'esta villa.

Dizem-nos que para esta festa, que revestirá gran le importancia, os operarios barcellenses procuram fazer realisar uma sessão solemne de propaganda das suas reivindicações e que n'ella fallarão conhecidos propagandistas do movimento operario e associativo.

Nós esperamos que os operarios saibam cumprir os seu dever, mostrando n'aquelle dia o quanto vale esforços e dedicções.

Avante, operarios! — que o lutar pela Liberdade exige tenacidade, muita união e muito arrojo.

ECCOS

Uma victima das abelhas

Na communa de Saint Michel em Breuve (França) a proprietaria do «Prend Guade-à Poi» madame Avrand, passeava no seu quintal, não longe do logar onde estava um cortiço d'abelhas.

Madame Avrand, estava colhendo um ramalhete de flores, quando, de subito, foi assaltada por um cardume de abelhas, crivando-a de ferroadas.

Ao abrir a bocca para pedir socorro entraram-lhe na laringe grande quantidade de insectos. A pobre mulher gritou, gritou, mas em vão, porque, quando lhe acudiram, achava se n'um estado lamentavel, e, oito horas depois, expirava no meio de convulsões terribes.

E assim, madame Avrand, foi victima da ira d'estes insectos raivosos.

A moral de tres por tres

Ha tres poucos e tres muitos funestos ao homem: pouco saber, pouco ter e pouco valer; muito falar, muito gastar e muito presumir.

Tres muitos são recompensados por outros tres muitos: muito estudo dá muito saber; muita rectidão dá muita paz; muita reflexão, muita sabedoria.

Tres bons medicos existem no mundo: o dr. Dieta, o dr. Alegria e o dr. Trabalho.

De tres qualidades carece o homem para viver feliz: paciencia para supportar os males; crença para evitar vicios; socego de coração para conciliar os homens.

Para viver em paz praticam-se tres verbos: ouvir, ver e calar.

Quem vende a credito: encontra freguezes, perde amigos e dá o seu dinheiro.

A tres pessoas não se devem occultar as verdades: ao advogado, ao medico e ao confessor.

Na cõrte de Saint James

O socialismo acaba de entrar triumphalmente na cõrte de Saint-James. Trata-se nada mais, nada menos, que da apresentação ao Rei e á Rainha, da esposa de John Burns, o ministro operario. As altivas duquezas, as riquissimas americanas de nobreza recente não voltam a si da surpresa, a que se junta o despeito que tiveram quando viram Eduardo VII e a rainha Alexandra, fazer o mais gracioso acolhimento a essa

mulher, que se dizia tinha vindo com certeza a pé do bairro menos aristocratico de Londres: Bateria; tanto mais que a senhora Burns, vinha vestida da maneira mais simples, e sem joia alguma.

Todos os olhares se fixavam n'ella, traduzindo o *surprise*, o que as boccas não ousavam pronunciar.

Eduardo VII, mais logico que os seus cortezaos, comprehendendo que a esposa de um ministro, não deve deixar-se menospresar pelas esposas dos outros ministros, qualquer que seja a sua gerarchia.

O rei procedendo d'este modo, quiz dar na sua cõrte um exemplo de que vivemos em tempos de democracia e igualdade.

A recepção da esposa de Burns, deu logar a um episodio picante. Lady Haversham, que tem certas veleidades de liberalismo, dirigiu a mrs. Burns, a seguinte carta:

«Minha cara senhora: ficarei bem satisfeita de a receber em minha casa; desculpe-me de não ir pessoalmente, mas Bateria é tão longe de Grosvenor Square!» (Bateria é um bairro operario; Grosvenor Square é o mais aristocratico bairro de Londres).

A isto respondeu mrs. Burns nos seguintes termos:

«Minha cara senhora: acabo de verificar no mappa que a distancia de Grosvenor Square a Bateria, é exactamente a mesma que de Bateria a Grosvenor Square.»

Pouco, mas bom!

Morte vermelha

Os jornaes que se publicam na região dos Montes Uraes, na Russia Oriental, falam por vezes de uma seita religiosa cujo numero de feis augmento continuamente e que usa o sinistro titulo de «Morte Vermelha». E, effectivamente, a referida seita é sinistra. Os seus filiados só se reúnem durante a noite, em edificios isolados e mysteriosos que lhes servem de templos. De quando em quando, sabe-se que desaparece uma pessoa que fazia parte da seita. A's perguntas que lhes são formuladas, os parentes do desaparecido respondem invariavelmente que este foi sujeito «á morte vermelha». Ora, alguns pretendem que soffrem essa morte os que estão promptos para entrar no paraíso; mas outros dizem que, ao contrario, se trata de um supplicio que se faz soffrer a todos os que commetterem um peccado mortal.

Seja, porém, como fôr, as coisas passam se assim: individuos mascarados penetram de noite na casa de victima e conduzem esta para o templo. Chegado ahi, o paciente é encerrado na «camara vermelha». E chama-se assim a um aposento sem janella e sem nenhuma mobilia, tendo as paredes recobertas de estoffo vermelho. Uma das tapeçarias encobre uma porta aberta na parede do fundo.

A meio do aposento estão dois coxins vermelhos. O paciente deita-se de costas no chão, collocando a cabeça em cima de uma das almofadas. Em seguida deixam-no ficar sózinho. Decorridos minutos, a tapeçaria do fundo afasta-se e deixa passar uma virgem vestida de vermelho, a qual approximando-se lentamente pega na outra almofada, colloca-a sobre a cabeça da victima, assenta-se n'ella e deixa-se ficar até que o paciente solte o ultimo suspiro!

Correspondencias

Brinches, 10 de julho

(Uma consideração ao dinheiro,

Permita-me, Sr. Redactor) que eu, um obscuro escrevinhador, venha occupar um pequeno espaço ao seu acreditado jornal. Não sou empregado no commercio, mas tenho uma certa sympathia pelo seu jornal; não venho hoje occupar-me de assumptos da classe, porque n

meio em que vivo infelizmente a não ha, mas venho, se me fôr permittido, publicar um pequeno escripto que servirá para mostrar a alguém d'esta terra que ainda ha corações que sentem as settas venenosas que cobardemente nos são arremessadas.

Historiemos o caso.

Ha n'esta terra uma casa, aonde ordinariamente se juntavam quasi todos os rapazes da localidade, cuja casa é habitada por uma familia que o seu nome nos fica reservado.

Alli se falava em todos os assumptos de maior importancia que se passavam na terra; e sem excepção de cathegoria social, todos eram estimados pelos donos da casa, sendo igualmente correspondidos.

Ora um dia, ou porque os donos não mais quizessem par palestra aos rapazes, ou por conveniencia propria, deixaram de attender aos alludidos e atraçando-os mesmo na sua presença, apesar de ninguem suppôr isso, pela muita confiança de que estavam possuidos, mas para elles tudo estava bem, succederam as desconsiderações umas após outras; (e como ninguem é de barro), resolveram entre si, (isto um grupo d'elles, porque eram esses só os alvejados) não voltar mais a frequentar a dita casa.

Tudo ficou em socego? Não! Passados alguns dias, constou na povoação que a sr.^a M... não consentiu que os senhores fulanos entrassem em sua casa porque eram pobres; e não foi só isto. Diziam mais algumas inconveniencias, que não ficam bem, mas nós reunidos resolvemos vir por este meio avisar amigavelmente essas senhoras que retirem as phrases que classificamos de infamantes; quando não nós tambem sabemos muitas e muitas coisas que nos ficam reservadas para a primeira occasião.

Em resumo: que culpa temos nós de sermos pobres? Somos pobres mas honrados e honestos!

Que culpa temos nós de não sermos ricos como as senhoras querem? Continuem a preceder assim que vão bem! Mais tarde lhes hade lembrar aquelles de quem disseram mal, obrigando os a abandonar a sua casa, para dar entrada a ricos que só por terem muito dinheiro é que são mercedores de obsequios.

Pois esses aquem as alludidas senhoras tão bem tratam hoje, são aquelles que mais tarde lhes pagarão mal, e não os pobres que não são cynicos e hypocritas, mas que tem sinceriedade em todos os actos da sua vida.

E nós, esse grupo injuriado, cá estamos para observar a consummação dos factos.

E as senhoras não baixem á infamia, porque quando de novo o fizerem depressa lhes apparecerá o c... dastro.

E nem pio com a boquinha, quando não!...

Factos e ideias

A falta de logar para os meus *Factos e ideias*, permittiu que eu descansasse bastante tempo, das canceiras que me dá esta secçãozinha, sempre feita ao correr da penna ou do lapis. Ainda bem que o director amigo da *Fraternidade* me permittiu esta folgazinha.

O Carnaval.—Num d'estes dias, entrando na redacção d'esta folha, vi, na meza de trabalho do amigo director, um papel que tem o titulo seguinte: *Carnaval de 1907*. Li-o e li tambem uma circular, e comprehendí:

Que no Porto, a caixeirada amiga, quer ter um carro no cortejo carnavalesco;

Que, para apresentar obra de luxo, a commissão promotora quer, de cada caixeiro, cinco tostões. (E' barato, mas...)

Que a mesma commissão se prepara para apresentar no cortejo do carnaval, uns pares de caixeiros,—todos de truz! e capazes de fazerem—«*Risol Risol expansão, enorme successo!*».

Pois que faça. E temos a certeza de que para estas cousas, a caixeirada corre a levar a pomba.

Se fosse para ir a uma associação levar aquella quota, para outro fim mais util e mais proveitoso, estamos convencidos de que... nem nada!

Assim, como é para cousas de risota e de bambochata, a ideia, que não contestamos por um principio que respeitamos, como é este de respeitar as ideias de todos, fructificará e encontrará apoio. E haverá até muitos cinco tostões a cahir na taçasinha!...

...E siga a bevilal!—Pum!!!...

O caso Schroeter.—Ernesto Driesel Schroeter, a quem, por elle ter sido chamado para ministro da fazenda, se chamou *cidadão austriaco*, já não é o que era:—é um cidadão portuguez!

E' ver o quanto vale no poder um homem de energia e de rasgo, como é o snr. João Franco. Com este homem, não ha difficuldades! Dá *buchas* a quem menos as espera.

Respondendo á «Luz»—Ha tempos, um amigo chamou a nossa attenção para umas linhas dirigidas ao proprietario actual e dos *Factos e ideias*—M. S. Lemos, e percebemos. E como alli se pede uma fineza, vamos attender o illustre redactor que a nós se dirige em termos delicados e com igual delicadeza, por que não costumamos ser grosseiros para com quem quer que seja.

Motivou o periodo que escrevemos e que o nosso collega portuense transcreveu, o facto de, por occasião da collocação de uns retratos na União dos Empregados do Commercio do Porto, se ter levantado uma revolução capaz de pretender aniquillar a mesma referida Associação. E, já que isto declaremos, seja-nos tambem permittido dizer que, no Porto, a fusão, pouco adiantou á classe local, pois que sabemos que a Associação tem um numero relativamente pequeno de socios, quando n'aquella cidade ha talvez mais de 5:000 caixeiros.

Uns, vêem na Associação um baluarte; e outros uma cousa inutil!

Uns, viram na collocação de um retrato uma homenagem justa; e outros...um escarro lançado ao seu rosto!

Ora aqui está porque dissemos que o Porto nos apresenta, quasi intacto, o veneno discordante de outro tempo, que todos muito estimariam não houvesse já, e que sabemos nascer dos caprichos e resentimentos pessoases e não do desejo de edificar e consolidar.

Nós pensamos assim; e a *Luz* nos dirá se erramos!

Jotta

N. do A.—convem declarar que *Jotta* é o mesmo M. S. que assignou os dois e unicos artigos d'esta secção.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Partida

Traçar um perfil, delinear um vulto, cantar uma apothese é hoje voga, senão modernismo, e diz-se mesmo até luxo, em encher as columnas dos jornaes com phrases rendilhadas e requintadas de galanteria.

Um homem é certo que tem uma historia, simples ou trabalhosa, grande ou pequena, ou como litterato ou como politico, tantas vezes como commerciante ou industrial.

E que um homem, através da nebulose da sociedade, tem sempre que contar, ou que se diga de si.

N'este momento é-me azado falar d'um simples mancebo, e certo que obscuro nos grandes meios litterarios, na grande lucta das artes, mas que o não era entre nós seus camaradas, aonde tinha criado as maiores sympathias, e onde encontrava a mais fiel e dedicada camaradagem.

E' elle João Gonçalves Teixeira.

Este rapaz, que toda a classe caixeiral vimaranense estimava e amava da alma.

Dotado d'uma affabilidade encantadora, em breve soube captar as sympathias dos empregados do commercio, impondo-se-lhe pela sua meiga docilidade de caracter e pela sua dedicação.

Era elle, e só elle por assim dizer, o espirito que dominava sobre todos os outros, e tal era a sua influencia, que com varios seus camaradas havia resolvido criar uma nova associação, ou grupo, ampliando na maior civilidade compativel e certo com a época e com o progresso.

Porém bem cedo, e quando menos o esperavamos, ahi o vimos abalar para a terra da sua naturalidade—Cabeceiras de Basto—d'onde se retirou para seguir para o Rio de Janeiro, continuando alli de novo o seu mister.

E' me triste relatar este facto, porque sou um dos seus amigos, e talvez aquelle com quem melhor me entendia.

E' bem dizel-o que elle soube em mim, como nos outros, lançar raizes que não são facéis arrancar, raizes que até jámais eu verei sóccas ou mirradas.

Não foi meu intento traçar o vulto d'este meu amigo, tampouco corral-o com os louros de bom, de sincero ou dedicado, mas furtar-me a escrever o meu pesar, ser-me-ia mais dolorosa a sua ausencia, e como creio da minha obrigação a dedicação a quem foi fiel no nosso movimento, julgo-o digno tambem de aqui registrar o pesar que em nós seus amigos nos deixou.

Agora só tenho a fazer votos pela sua felicidade e que em breve nos dê noticias suas e esperamos que elle alli continuará a ser alvo de geraes sympathias, o que a nós nos encherá de gozo: e dando-nos noticias suas com isso nossa alma se rejubilará.

Que o geio de felicidade trace ao nosso amigo um caminho de prosperidades e venturas e que em breve regresse aos nossos braços honrado e rico de todo o bem, é o que lhe ambicionamos.

Guimarães, setembro 1906.

José da Cruz Figueiredo.

Aldegallega, 14.

E' hoje a primeira vez que escrevemos para este prestimoso e valente baluarte do caixeirato.

De ha muito que sentiamos desejo de o fazer, mas differentes motivos nos tem obstado a tal:—as faltas de tempo, de assumpto e, essencialmente, a nossa inaptidão.

Hoje, porém, já fartos de esperarmos que nos viesse de França, dentro d'uma condecinha, a *factura* de tempo e assumpto, e de Navarro a pena sublime, *deliberamos rabiscar* algumas linhas, ainda que mal, e começamos por felicitar a illustre e intransigente redacção d'«A Fraternidade», pela maneira firme e honrosa com que sempre tem defendido a classe a que sem duvida se honra de pertencer. Pena é, porém, que a classe não tenha comprehendido o seu dever e que, em vez de prestar a este jornal o seu concurso, o tenha explorado, *ferrando-lhe o rão*, (com excepções, está claro!...)

Tambem felicitamos «A Fraternidade» pela sua nova tentativa, desejando-lhe um futuro prospero para que possa estar sempre firme na liça trabalhando em prol d'esta desditosa classe, que tão mau pago costuma dar a quem a serve!

—A classe dos caixeiros em Aldegallega, continua como o tem affirmado o correspondente do nosso presado collega «O Caixeiro», n'uma inactividade que a respeito dos seus interesses

collectivos nem *tuge* nem *muge*, e isto pelo simples e unico facto de alguns incidentes se terem originado entre alguns collegas.

No entanto, isto a nós não nos causa admiracção que se d'isto na provincia, quando é certo que, peor, ainda, está a capital, onde todo interesse é indifferente aos seus precisados.

E, para prova da verdade, vejâmos o que se está lá passando com as reuniões da sede da Nova Associação, onde apenas apparecem (*por muito favor*) meia duzia de caixeiros ao chamamento d'aquelles que, fazendo sacrificios nocivos até á sua saude, trabalham em seu proveito; e elles pagam-lhe com o desprezo! E' triste dizer-se, mas é certo. Estes factos denotam bem o atrazo de educacção e civilisacção em que se encontra a nossa classe, graças á sua negligencia e apathia.

Desejariamos dizer mais alguma coisa, mas não o fazemos porque não temos a noção completa da situação em que se encontra a classe provinciana desde que pensou no projecto que o sr. Carlos Lopes prometteu apresentar em côrtes.

A classe sempre *crédula* quando lhe dão algum sim!... ficção logo na *espectativa* e não mais se mexe.

Dou fim a este *aranzel*...

Até depois.

Ernelo Junior.

Corraio da «A Fraternidade»

M. P. C. G.—Vizella—Recebemos sua correspondencia e a sua carta.

Agradecemos muito a nova assignatura e pedimos-lhe para que seja ahi o nosso correspondente official. A correspondencia que nos mandou não pôde ser publicada por estar fóra da nova orientacção d'esta folha. Os escriptos devem ser de propaganda, de educacção e de moralisacção social e tambem noticiosos. Veja o amigo o artigo de fundo do n.º 34 de «A Fraternidade», e desculpe-nos esta franqueza.

S. F. C.—Aldegallega—Recebemos sua carta e sua correspondencia.

Pedimos que fique sendo ahi o nosso correspondente.

J. C. F.—Guimarães—O seu escripto só pôde ir hoje. Desculpe a demora, sim?

J. L. C.—Guimarães—Recebemos o seu postal. Pedimos que accete o cargo a que nos referimos no nosso postal; é favor; mas... em ultimo caso, accetamos o que diz. Aguardamos quaesquer das cousas, com muito interesse.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ed. mo Lus.